

A TEOLOGIA RELACIONAL: SUAS CONEXÕES COM O TEÍSMO ABERTO E IMPLICAÇÕES PARA A IGREJA CONTEMPORÂNEA

*Valdeci da Silva Santos**

RESUMO

A Teologia Relacional é uma nova perspectiva hermenêutica sobre Deus que se propõe a corrigir as pretensas distorções do teísmo clássico. Ela é apresentada como sendo uma proposta essencialmente prática e bíblica, elaborada no sentido de resolver as supostas contradições resultantes da crença em um Deus soberano em meio a uma realidade marcada pelo sofrimento. Em síntese, as propostas da Teologia Relacional são muito parecidas com aquelas do Teísmo Aberto no contexto evangélico norte-americano, mas praticamente nenhuma conexão oficial foi estabelecida entre ambos os ensinamentos. Este artigo objetiva empreender esta tarefa. Sua primeira parte analisa o desenvolvimento desse novo ensino e suas ligações com outras crenças defendidas por segmentos cristãos ao redor do mundo. Depois, o artigo caminha no sentido de tentar compreender os principais pressupostos da Teologia Relacional e sua relação com o teísmo aberto. Finalmente, é feita uma avaliação, à luz das Escrituras e da prática cristã, de alguns dos resultados dessa perspectiva relacional sobre Deus.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia relacional; Teísmo aberto; Teísmo clássico; Teologia do processo; Onisciência divina; Liberdade humana; Soberania de Deus; Arminianismo; Calvinismo.

* O autor é ministro presbiteriano, pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo, professor de teologia pastoral e sistemática no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, bem como coordenador do programa de Doutorado em Ministério do RTS/CPAJ.

INTRODUÇÃO

No Brasil alguns consideram a Teologia Relacional como *passé*, uma proposta que surgiu, atraiu poucos, teve alguns de seus pontos controversos atacados e, aparentemente, se retraiu. Enganam-se, porém, aqueles que pensam que esse ensino foi definitivamente sepultado ou que seus efeitos tenham perdido qualquer eficiência.¹ Os partidários da perspectiva em questão continuam divulgando suas premissas por meio de palestras e diversos eventos religiosos. Além do mais, com o avanço da tecnologia, os canais tradicionalmente utilizados para difusões teóricas (livros, parlamentos, artigos acadêmicos, etc.) passaram a contar também com os fóruns de discussão on-line, tais como homepages, blogs, mailing lists, comunidades de Orkut e outros. Logo, o grau de aceitação de um novo ensino não pode mais ser simplesmente medido pela revisão da literatura relacionada ao assunto, pois aquilo que parece ultrapassado para alguns neste setor pode estar em plena ebulição para outros no universo on-line. Finalmente, é sempre prudente considerar o fato de que os novos ensinamentos geralmente possuem “uma natureza evolutiva”, o que requer contínuas avaliações e respostas aos mesmos.²

A Teologia Relacional é uma nova perspectiva hermenêutica sobre Deus que se propõe a corrigir as pretensas distorções do teísmo clássico,³ supostamente causadas pela influência da filosofia platônica no cristianismo importada por Agostinho de Hipona (354-430). Segundo entende um dos simpatizantes desse ensino, “muitos dos dogmas do teísmo clássico... não têm sua origem na Bíblia ou na tradição dos apóstolos, mas são frutos de uma assimilação sacrílega de conceitos importados da filosofia grega”.⁴ Neste sentido, a teologia relacional

¹ Uma evidência clara desse fato pode ser encontrada na publicação do livro de Darcí Dusilek sobre o conhecimento de Deus e no reavivamento do debate através de um artigo de Ricardo Gondim Rodrigues no qual ele se propõe a definir esse ensino e refutar algumas acusações feitas ao mesmo. Cf. DUSILEK, Darcí. *O que Deus sabe sobre o meu futuro?* Rio de Janeiro: GW Editora, 2006; GONDIM RODRIGUES, Ricardo. Teologia relacional – que bicho é esse? Disponível em: <http://www.ricardogondim.com.br/artigos/Artigos.info.asp?tp=61&sg=0&id=1417>. Acesso em: 23 abr. 2007.

² TAYLOR, Justin. Introdução. Em: PIPER, John; TAYLOR, Justin; HELSETH, Paul K. (orgs.). *Teísmo Aberto: uma teologia além dos limites bíblicos*. São Paulo: Vida, 2001, p. 19.

³ É possível fazer uma distinção minuciosa entre *teísmo clássico* e *tradicionalismo*, quanto à doutrina de Deus. Contudo, uma vez que nem os proponentes do Teísmo Aberto americano nem do revisionismo relacional brasileiro fazem esta distinção, os termos serão utilizados aqui sinonimamente. Cf. BRAND, Chad Owen. Defeitos genéticos ou similaridades acidentais? A ortodoxia, o teísmo aberto e suas ligações com as tradições filosóficas. Em: PIPER, TAYLOR e HELSETH, *Teísmo aberto*, p. 51 (nota 1).

⁴ BRABO, Paulo. O destino eterno de Deus. Disponível em: <http://www.baciadasalmas.com/2006/o-destino-eterno-de-deus/#more-1037>. Acesso em: 12 nov. 2006. Aliás, esta é a principal tese de William Hasker na obra-referência do Teísmo Aberto. Cf. HASKER, William. A philosophical perspective. Em: PINNOCK, Clark H. e outros (orgs.). *The openness of God: a biblical challenge to the traditional understanding of God*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1994, p. 126-154.

é apresentada com tendo uma proposição essencialmente prática e bíblica, elaborada “no sentido de resolver a contradição entre a nossa vida devocional diária e a teologia clássica”.⁵ O principal articulador dessa teologia no Brasil, o pastor da Igreja Assembléia de Deus Betesda, Ricardo Gondim Rodrigues, ilustra a relevância desse ensino da seguinte forma:

Na teologia clássica o futuro já aconteceu, não apenas por determinação de Deus, que exaustivamente decretou que todas as coisas (boas e ruins) acontecessem, mas também porque ele em sua onisciência já sabe de tudo o que vier a acontecer como já “acontecido”... Assim, não sabemos como nos comportar direito quando oramos e nem sabemos como agir quando coisas ruins acontecem. Quando algum mal acontece, dizem-nos que a vontade de Deus nunca é frustrada, e que ele tem uma agenda secreta que ainda não entendemos. Tentam nos confortar afirmando que precisamos apenas acreditar que ele tem o melhor para nós... Assim, vivemos uma esquizofrenia espiritual tremenda, cremos em verdades dogmáticas e agimos contrariamente a elas. A Teologia Relacional traz consistência à nossa espiritualidade, pois reforça a nossa compreensão paternal de Deus, lança luz sobre nossa imensa responsabilidade e nosso infinito privilégio de cooperarmos com o Criador. Somos artesãos do futuro. Numa Teologia Relacional o futuro inexistente e Deus nos chama para sermos parceiros da sua construção.⁶

Resumindo, na perspectiva relacional o futuro está em aberto para ser construído, em conjunto, por Deus e pelo ser humano. Logo, ninguém, nem mesmo Deus, pode conhecer exaustivamente o futuro, pois ele ainda não existe e, por amor às suas criaturas, o Altíssimo decidiu limitar-se quanto ao conhecimento a este respeito e sujeitar-se a riscos e surpresas advindas dessa construção em parceria com o ser humano livre.

Vários pressupostos da Teologia Relacional têm sido denunciados por suas fraquezas filosóficas, imprecisões históricas e superficialidades bíblicas.⁷ Contudo, poucos a têm analisado em sua conexão com o teísmo aberto, bem como em sua proposta mais básica: a de ser uma contribuição prática e relevante para

⁵ GONDIM RODRIGUES, Ricardo. Espiritualidade cristã e uma teologia relacional. Disponível em: www.ricardogondim.com.br/Artigos. Acesso em: 01 out. 2003.

⁶ Ibid.

⁷ Cf. CAMPOS, Heber C. Teísmo Aberto: um ensaio introdutório. *Fides Reformata*. Vol. IX, 2 (2004), p. 29-56; NICODEMUS LOPES, Augustus. Teologia relacional: um novo deus no mercado. *Ultimato* (Abril 2005): p. 60-61; AQUINO, João Paulo Thomaz de. Jeremias 18 e o teísmo aberto: uma introdução. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/prescencia/jeremias-18-teismo_thomaz.pdf. Acesso em: 22 mar. 2007. RAMOS, Ariovaldo. Teologia e lógica. Disponível em: <http://www.teologiabrasileira.com.br/materia.sap?materiaID=87>. Acesso em: 22 mar. 2007; SHEDD, Russel P. Entrevista. Disponível em: http://www.refletir.com/artman/publish/article_243.shtml. Acesso em: 21 mar. 2007; PIPER, TAYLOR e HELSETH, *Teísmo aberto*. Há ainda dois livros sobre este assunto que serão lançados pela Editora Cultura Cristã: *Não terás outros deuses*, de John Frame, e *Não sei mais em quem tenho crido*, de Douglas Wilson (org.).

o cristianismo contemporâneo, livrando os cristãos da suposta “esquizofrenia espiritual” que os prende diariamente. Este artigo objetiva empreender esta tarefa. A primeira parte analisará o desenvolvimento desse novo ensino e suas conexões com outras crenças defendidas por segmentos cristãos ao redor do mundo. Depois, o artigo caminha no sentido de tentar compreender os principais pressupostos da teologia relacional e sua relação com o teísmo aberto, pois estes certamente governarão a hermenêutica dessa nova proposta doutrinária. Finalmente, será feita uma avaliação, à luz das Escrituras e da prática cristã, de alguns dos resultados dessa perspectiva relacional sobre Deus.

1. O DESENVOLVIMENTO DA TEOLOGIA RELACIONAL

Uma das primeiras tarefas na análise de um movimento, social ou religioso, é a tentativa de se compreender sua origem e evolução. Um dos problemas encontrados neste sentido é que o investigador pode acabar em um labirinto, dependendo do número de fontes usadas na reconstrução do movimento. No caso da Teologia Relacional, ela aparenta ser simplesmente um desenvolvimento lógico do arminianismo, uma vez que representa o livre-arbítrio humano levado às últimas conseqüências.⁸ Contudo, ela vai muito além do arminianismo ao defender uma reinterpretação teísta, limitando a onisciência de Deus e geralmente entendendo um aspecto do ato da encarnação ocorrido com a segunda pessoa da Trindade como uma característica do Deus triúno. Assim, é muito comum a ênfase sobre o Deus que se esvaziou para relacionar-se com o ser humano, sem uma clara distinção de quem se submeteu a tal processo e sem uma explicação clara de que antes da encarnação também havia relacionamento de Deus com o homem.⁹

Como já foi observado, o termo “Teologia Relacional” começou a ser empregado no Brasil pelo pastor e escritor Ricardo Gondim Rodrigues, que propôs ousadamente um credo no qual Deus

soberanamente decidiu abrir mão de parte de sua onipotência, quando criou seres à sua imagem e semelhança. Ele se tornou fraco porque quis abrir espaço para se relacionar conosco em amor.¹⁰

Além do mais, Gondim ainda defendeu a possibilidade de se ler a Bíblia com outros óculos além daqueles utilizados pelo teísmo clássico, pelos fundamenta-

⁸ CAMPOS, *O teísmo aberto*: um ensaio introdutório, p. 33.

⁹ Um exemplo claro neste sentido pode ser encontrado no artigo do pastor batista Ed René Kivitz. Cf. KIVITZ, Ed René. O Deus esvaziado: baseado na parábola dos filhos perdidos. Disponível em: <http://outraespiritualidade.blogspot.com/2007/04/o-deus-esvasiado.html>. Acesso em: 22 abr. 2007.

¹⁰ GONDIM RODRIGUES, Ricardo. Proposta de um credo. *Ultimato* (Nov.-Dez. 2004), p. 40-41.

listas ou pelos defensores de um “sistema fechado” de interpretação. A proposta visava a leitura da Bíblia da mesma forma que faziam outros segmentos cristãos ao redor do mundo, os quais, segundo ele, eram constituídos por “pensadores e teólogos (que) procuram afastar-se do ‘Deus-potência’ concebido nos paradigmas medievais, para o ‘Deus-relacional’ e afetuoso que Jesus de Nazaré revelou aos homens”.¹¹ Além do mais, Gondim insistiu que

só é possível pensar em verdadeira relacionalidade se, em sua Graça, Deus conceder aos seres humanos liberdade real para cooperarem ou contrariarem a sua vontade para suas vidas. Numa Teologia Relacional, Deus ama numa interação verdadeira com os seus filhos (*give and take relationship*).¹²

Com estes e outros artigos, algumas vezes publicados em revistas evangélicas ou somente postados no seu site pessoal, Gondim divulga algumas idéias sobre Deus que divergem daquelas defendidas pelo teísmo clássico. A esses novos conceitos ele, juntamente com um membro de sua igreja, chamou de Teologia Relacional.¹³

A princípio, as idéias de Gondim pareciam limitadas aos seus escritos e discursos. Curiosamente, porém, noções semelhantes começaram a aparecer em outros setores, defendidas por líderes de diferentes segmentos evangélicos. Bráulia Ribeiro, missionária da JOCUM e também articulista da revista *Ultimato*, esboçou sua preferência pela “limitação de Deus” para relacionar-se com seres humanos livres, mostrando-se disposta a aceitar, inclusive, uma redefinição da onisciência. Segundo ela, “se verdadeiro livre-arbítrio implica em uma definição diferente para a onisciência não me importa”.¹⁴ Outro autor que tem expressado idéias semelhantes é o batista Darci Dusilek, o qual afirma: “Aquele que pensa que o destino de cada homem já está fixo e determinado de antemão se mostra estranhamente insensível ao clamor do coração e ao ritmo do pulso no Novo Testamento”.¹⁵

Mais recentemente, Ed René Kivitz tem expressado sua proposta de uma reflexão teológica feita “de baixo para cima”, na qual deve ser deixado de

¹¹ GONDIM RODRIGUES, Ricardo. A história ainda não está pronta. Disponível em: www.ricardogondim.com.br/Artigos. Acesso em: 04 maio 2004. Não se pode afirmar, por certo, que as palavras de Gondim sejam uma referência aos teólogos do “Open Theism” [Teísmo Aberto], mas é interessante notar que esta era a mesma proposta defendida por tais acadêmicos naquela ocasião. Cf. PINNOCK, Clark H. There is room for us: a reply to Bruce Ware. *Journal of the Evangelical Theological Society*. Vol. 45 (Junho 2002), p. 215.

¹² GONDIM RODRIGUES, Espiritualidade cristã e uma teologia relacional.

¹³ GONDIM RODRIGUES, Teologia relacional – que bicho é esse?

¹⁴ RIBEIRO, Bráulia. Cada teologia tem a sociedade que merece: uma análise de *Matrix Reloaded* e *Minority Report*. *Ultimato* (Set.-Out. 2003), p. 56.

¹⁵ DUSILEK, *O que Deus sabe sobre o meu futuro?*, p. 38.

lado “aquilo que Deus é em termos de sua perfeita natureza eterna, e focar sua atenção [a do teólogo] na maneira como Deus escolheu revelar e se relacionar com as pessoas na história”. Neste caso, os olhos do teólogo devem “deixar de lado a visão ideal e abstrata da filosofia, e se voltar para Jesus Cristo, suas ações e palavras, que revelam o Pai”.¹⁶ Aliás, em seu *post* sobre “teodicéia”, Kivitz propõe que a solução do problema do mal se encontra no fato de se “mudar o paradigma do pensamento que o criou”. Segundo ele:

Na verdade, “Deus não tinha escolha”. Ao criar o ser humano à sua imagem e semelhança, deveria criá-lo livre. Desejando um relacionamento com o ser humano, deveria dar ao ser humano a liberdade de responder voluntariamente ao seu amor, sob pena de ser um tirano que arrasta para sua alcova uma donzela contrariada. Somente o amor resolveria esta equação, pois somente o amor dá liberdade para que o outro seja livre, inclusive para rejeitar o amor que se lhe quer dar.¹⁷

No final do *post* Kivitz argumenta que “por esta razão Deus ‘se diminuiu’, esvazia-se de sua onipotência, abre mão de se relacionar em termos de onipotência-obediência, e se relaciona com a humanidade com base no amor.” Nota-se, assim, um linguajar e conceitos defendidos por Kivitz muito parecidos com aquilo que Gondim denomina teologia relacional.

Há que se reconhecer, todavia, que nem Bráulia Ribeiro, nem Darci Dusilek e nem Ed René Kivitz jamais se declararam oficialmente adeptos da Teologia Relacional. O que se pode dizer sobre eles até o presente momento é que buscam expressar as implicações lógicas do arminianismo que abraçaram, ou seja, a doutrina da “liberdade libertária”.¹⁸ Aliás, em seu livro sobre espiritualidade, Kivitz até defende a onipotência de Deus diante do sofrimento humano e a necessidade que os cristãos têm de aprender com o sofrimento.¹⁹

Alguns anos antes da Teologia Relacional começar a ter a sua divulgação no Brasil, um movimento evangélico norte-americano conhecido como *Open Theism* (Teísmo Aberto) agitava o protestantismo naquele país, causando a divisão de uma denominação, produzindo intensas lutas internas em um semi-

¹⁶ KIVITZ, O Deus esvaziado. Cf. As vontades de Deus. Disponível em: <http://outraespiritualidade.blogspot.com/2007/03/as-vontades-de-deus.html>. Acesso em: 09 abr. 2007. Em seu livro *Vivendo com propósito*, Kivitz defende que “um Deus que não se esvazia é um diabo” e acusa parte do “teísmo clássico” de ter sido influenciado pela perspectiva grega sobre Deus. Cf. *Vivendo com propósito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, p. 172-175.

¹⁷ KIVITZ, Ed René. Teodicéia. Disponível em: http://outraespiritualidade.blogspot.com/2006_11_01_archive.html. Acesso em: 23 mar. 2007.

¹⁸ Uma maior explicação sobre esta posição pode ser encontrada nas seguintes fontes: CAMPOS, *Teísmo aberto: um ensaio introdutório*, p. 22-55, e FRAME, John M. *No other God*. New Jersey: P&R Publishing, 2001, p. 119-142.

¹⁹ KIVITZ, Ed René. *Outra espiritualidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 175-179.

nário batista e se tornando alvo de constantes debates nas reuniões da *Evangelical Theological Society*, até que os membros desta ameaçaram expulsar do seu rol aqueles que defendessem tal ensinamento.²⁰ Para alguns sempre foi difícil estabelecer uma conexão entre o Teísmo Aberto americano e a Teologia Relacional brasileira. Ricardo Gondim, inclusive, rejeita veementemente esta conexão, pois segundo ele “Teísmo Aberto e Teologia Relacional não são a mesma coisa”.²¹ Embora tenha prometido explicar a diferença entre as duas perspectivas, ele não o faz e apenas diz: “... eles [os que tentam estabelecer tal conexão] nem sabem que este termo é totalmente desconhecido lá [referindo-se ao contexto teológico dos Estados Unidos]”.²²

Contudo, as afirmações seguras de Gondim começam a ruir quando se observa que um dos principais defensores do Teísmo Aberto norte-americano, Clark H. Pinnock, declara:

Enquanto focalizando o assunto da onisciência divina, não percamos de vista o fato de que nossa perspectiva nesse assunto é apenas uma faceta (e não a mais importante) de *um modelo relacional mais amplo* [grifo nosso], ou seja, o relacionamento divino-humano.²³

Em outra ocasião, Clark Pinnock afirmou: “A versão do teísmo relacional chamada ‘teísmo aberto’ é uma teologia em busca de um Deus pessoa, que se encontra dinamicamente conectado ao mundo”.²⁴ Assim, Teísmo Aberto e Teologia Relacional estão, na concepção de Pinnock, intimamente conectados, pois o primeiro é apenas uma versão do segundo. Pode-se até afirmar que os neoteístas norte-americanos não fazem uso comum do termo Teologia Relacional em seus escritos, mas não se pode assegurar que o conceito seja totalmente desconhecido para eles.²⁵

Além do mais, Gondim parece ter se esquecido de que, mais recentemente, em uma correspondência eletrônica ao ilustrador Paulo Roberto Purim (que

²⁰ Um resumo dos efeitos do Teísmo Aberto no evangelicalismo norte-americano pode ser encontrado no prefácio de John Piper à edição original de seu livro sobre o assunto. Cf. PIPER, TAYLOR e HELSETH, *Teísmo aberto*, p. 11-14.

²¹ GONDIM RODRIGUES, Teologia relacional – que bicho é esse?

²² Ibid.

²³ PINNOCK, *There is room for us*, p. 214.

²⁴ PINNOCK, Clark H. Relational theology among evangelicals. Palestra proferida à AAR em 22.11.2004. Disponível em: www.ctr4process.org/affiliations/ort/ORTPinnock.pdf. Acesso em: 02 maio 2007; Cf. PINNOCK, Clark H. God and the open view. *Catalyst online*: Contemporary evangelical for United Methodist seminarians. Disponível em: <http://catalistresources.org/issues/292pinnock.html>. Acesso em: 19 fev. 2003.

²⁵ Cf. SPONHEIM, Paul R. *Speaking of God: relational theology*. St. Louis: Chalice Press, 2006; *Faith and the other: a relational theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

usa o nome de Paulo Brabo), postada em seu site pessoal, ele mesmo admitiu a proximidade das duas perspectivas teológicas, embora rejeitando a intensidade do debate teológico praticado pelos americanos.²⁶ O próprio Paulo Brabo compreendeu a conexão entre os dois ensinamentos e em um de seus artigos admite que se trata de duas versões de uma mesma teologia.²⁷ Por um determinado tempo também se veiculou na internet um site sobre “Calvinismo vs. Arminianismo”, em que artigos de Gondim e Gregory Boyd, um dos principais representantes do Teísmo Aberto norte-americano, dominavam o espaço reservado aos arminianos. O problema é que os artigos de Boyd, traduzidos por Paulo César Antunes, eram divulgações de seus postulados do Teísmo Aberto.²⁸ Ainda é intrigante observar que um dos principais ensaístas do livro *Trinity in Process: A Relational Theology of God*,²⁹ publicado em 1993, é o mesmo Boyd. Finalmente, os conceitos defendidos pela Teologia Relacional e o Teísmo Aberto parecem estar tão próximos que a Editora Cultura Cristã está prestes a lançar um livro onde os termos são intercambiáveis.³⁰ Assim, o difícil hoje em dia já não é mais estabelecer a conexão, mas negá-la.

A verdade é que movimentos sociais e teológicos nunca são estanques, mas sempre dinâmicos e apresentam variações em contextos diferentes. Todavia, ao se examinar o conteúdo e as propostas básicas desses movimentos nota-se que a diferença não é tão grande como muitos gostariam de acreditar. O próprio Gondim havia diagnosticado, há alguns anos, esse perigo com relação ao protestantismo brasileiro. Segundo ele

²⁶ Cf. “Eu e um punhado de amigos mais íntimos vimos trabalhando com alguns desses conceitos. Inicialmente nos encantamos com a coragem dos poucos teólogos e filósofos dispostos a levar seus pressupostos sobre graça, determinismo histórico, acaso e liberdade humana até as últimas consequências. Mas, lendo sua carta, tenho que dar a mão à palmatória, esse pessoal do Teísmo Aberto também articula com premissas bem fundamentalistas; eles acabam transformando o debate sobre o tempo, a história e, principalmente, o relacionamento de Deus com seus filhos, num bang-bang teológico da pior espécie - tipo, ‘eu tenho mais versículos do que você, e assim posso ganhar a briga’.” GONDIM RODRIGUES, Ricardo. Disponível em: http://www.ricardogondim.com.br/Artigos/artigos.info.asp?tp=92&sg=0&form_search=&pg=1&id=12700. Acesso em: 22 mar. 2007.

²⁷ Se um leigo consegue observar esta conexão, porque seria tão difícil para um teólogo admiti-la? Cf. BRABO, Paulo. O destino eterno de Deus: com quem Deus vai ficar no final? Disponível em: www.ricardogondim.com.br/Artigos/artigos.info.asp?tp=69&sg=0&id=1284. Acesso em: 25 abr. 2007. Anteriormente disponível na página de internet do autor, esse artigo aparece agora no site pessoal de Gondim.

²⁸ Desde que o site foi retirado do ar o autor possui apenas as cópias do material feitas na ocasião. Todavia, as idéias de Gregory Boyd podem ser encontradas em seus livros. BOYD, Gregory A. *God of the possible: an introduction of the Open View of God*. Grand Rapids: Baker, 2004; *Satan and the problem of evil: constructing a warfare theodicy*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 2001; e *God at war: the Bible and spiritual conflict*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1997.

²⁹ BRACKEN, Joseph e SUCHOCKI, Marjorie Hewitt (orgs.). *Trinity in process: a relational theology*. New York: Continuum, 1997.

³⁰ Cf. WILSON, Douglas (org.). *Bound only once*. Moscow, Idaho: Canon Press, 2001.

a igreja evangélica brasileira mostra-se muito vulnerável a falsas doutrinas... Faltam às igrejas referenciais históricos que as ajudem a permanecer no curso principal do cristianismo... A teologia brasileira sofre influências dos norte-americanos.³¹

Dessa forma, pode-se concluir que o surgimento da Teologia Relacional aponta para a articulação de uma versão brasileira do Teísmo Aberto norte-americano.

Finalmente, há que se notar que por determinado tempo os proponentes do Teísmo Aberto, nos Estados Unidos, ou os adeptos da Teologia Relacional, no Brasil, procuraram reduzir as discussões relacionadas ao tema apresentando-as como meras diferenças existentes entre o calvinismo e o arminianismo.³² Neste sentido, os calvinistas foram retratados como aqueles que possuem uma visão da soberania de Deus que o coloca fora do tempo e do espaço, tornando-o autoritário, impassível (sem sentimentos) e distante.³³ Um Deus assim mais se parece com um demônio do que com o Deus de amor retratado na Bíblia.³⁴ Todavia, os conceitos sobre Deus defendidos tanto pelo Teísmo Aberto quanto pela Teologia Relacional são refutados até mesmo por representantes do arminianismo clássico.

O arminianismo clássico nunca negou a onisciência divina. O próprio Jacó Armínio, o fundador do movimento, ensinava:

O quarto decreto, salvar certas pessoas em particular e condenar outras, baseia-se na presciência de Deus. Por ela Deus sabe desde a eternidade quais pessoas deveriam acreditar de acordo com administração dos meios que servirão ao arrependimento e à fé por meio da graça precedente e quais deveriam perseverar por meio da graça subsequente e também quais não deveriam nem crer nem perseverar.³⁵

Semelhantemente, Robert E. Picirilli, um acadêmico arminiano, responde a uma obra de John Sanders (um defensor do Teísmo Aberto) com a seguinte conclusão:

³¹ GONDIM RODRIGUES, Ricardo. *O evangelho da nova era*. São Paulo: Abba Press, 1993, p. 9.

³² Gregory A. Boyd é um dos que mais insistem nesta tese. Cf. BOYD, Gregory A. *The God who risks*. Grand Rapids: Baker, 2000, p. 15-17, 114-118.

³³ Esses conceitos são continuamente atacados no artigo de Paulo Brabo. Cf. BRABO, *O destino eterno de Deus*.

³⁴ KIVITZ, *Vivendo com propósito*, p. 172.

³⁵ Apud BANGS, Carl. *Arminius: A case study in the Dutch reformation*. Nashville: Abingdon, 1971, p. 352.

A raiz desse erro é encontrada, especificamente, na negação da onisciência divina, baseada em uma objeção lógica que coloca a onisciência na contramão. Como consequência, temos o conceito de um Deus que, por não conhecer o futuro pode estar equivocado em suas expectativas e nem sempre sabe os resultados de suas decisões e ações.³⁶

Assim, reduzir os debates relacionados aos pressupostos do Teísmo Aberto (ou da Teologia Relacional) ao conflito entre calvinistas/arminianos, ou limitar o teísmo clássico ao calvinismo seria uma imprecisão histórica e uma injustiça para com os cristãos arminianos.³⁷ Os assuntos levantados por essa teologia contrariam não apenas os pontos fundamentais da fé reformada, mas algumas doutrinas essenciais defendidas por todos os ramos da igreja cristã.

2. OS PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS DA TEOLOGIA RELACIONAL

Como visto no tópico anterior, as origens da Teologia Relacional encontram-se no evangelicalismo americano, especialmente na proposta revisionista do Teísmo Aberto. Dessa forma, é de se esperar que os pressupostos das duas propostas hermenêuticas coincidam, devendo ser ressaltados apenas os pontos mais comuns nos diferentes contextos.

Assim como ocorre com o teísmo aberto nos Estados Unidos, também aqui no Brasil a Teologia Relacional não é defendida por um grande número de teólogos, mas aqueles que a defendem, ou que por ela demonstram simpatia, são pessoas articuladas e influentes. Logo, os impactos de seus escritos e pronunciamentos no meio evangélico são consideráveis. Além do mais, o assunto discutido por ela não é periférico, mas diz respeito ao próprio cerne da fé cristã. Como corretamente argumenta Heber C. Campos: “Se nossas idéias sobre Deus não forem corretas, então todos os outros aspectos de nossa teologia certamente estarão errados”.³⁸ Há que se entender ainda que, assim como acontece com o teísmo aberto, também na Teologia Relacional “a teodicéia é a forma motora do movimento”.³⁹ Dessa forma, ainda que a discussão tenha sido iniciada no contexto evangélico, é natural esperar que ela se estenda além dos limites protestantes, pois afinal ela propõe uma redefinição do próprio entendimento cristão “clássico” sobre Deus. Essa parece ter sido a compreensão

³⁶ PICIRILLI, Robert E. An Arminian response to John Sanders’ *The God who risks: a theology of providence*. *Journal of the Evangelical Theological Society* (Setembro 2001), p. 491.

³⁷ Bruce Ware corretamente afirma que “é precisamente aqui que a perspectiva aberta tem se separado do arminianismo clássico, de forma mais específica, e de todas as versões do teísmo clássico em geral”. Cf. WARE, Bruce A. Defining evangelicalism’s boundaries theologically: is open theism evangelical? *Journal of the Evangelical Theological Society* (Junho 2002), p. 194.

³⁸ CAMPOS, *Teísmo aberto: um ensaio introdutório*, p. 30.

³⁹ GEORGE, Timothy. What God knows. *First Things*. Disponível em: www.firstthings.com/ftissues/ft0306/opinion/george.html. Acesso em: 06 out. 2003.

de D. A. Carson ao endossar o livro de Bruce Ware, pois, segundo Carson, esse novo ensino “redefine o Deus da Bíblia e da teologia de tal forma que ao final teremos um Deus totalmente diferente”.⁴⁰ Tudo isto já representaria uma série suficiente de razões para preocupar também os representantes do protestantismo brasileiro.

Um aspecto importante a ser observado nos escritos dos proponentes da Teologia Relacional é o fato de que, na maioria das vezes, suas argumentações revelam um interesse mais acentuado na *persuasão* do leitor do que na *clareza* dos conceitos defendidos. Algumas palavras até parecem ser propositadamente empregadas de modo a dificultar ao leitor a neutralidade necessária para uma análise abalizada. Por exemplo, Gondim defende que “quando se discute sobre a relacionalidade de Deus precisamos vencer nossos *paradigmas antigos* [grifo nosso]”.⁴¹ Em outro artigo ele afirma:

simplesmente responder a essas questões [o problema do sofrimento] afirmando que tudo estava previsto na providência eterna, ou que é por causa do pecado de Adão, soa como uma *fuga simplista e desonesta* [grifo nosso].⁴²

Finalmente, ao escrever sobre a “espiritualidade cristã e a teologia relacional” ele assevera:

Na Teologia Clássica aprendemos que *Deus esconde uma agenda secreta* [grifo nosso], induzindo-nos a crer que agimos com liberdade, quando apenas cumprimos um outro plano ainda não revelado e que acontece na eternidade.⁴³

Por conseqüência, qualquer pessoa que não concordar com o articulista partilha de uma perspectiva arcaica, desonesta ou fechada sobre Deus. Semelhantemente, Gregory Boyd chama aqueles que discordam de sua doutrina de “compartimentalistas”, “fundamentalistas”, “calvinistas”, etc.⁴⁴ Essa prática de rotular pessoas a fim de desviar o enfoque dos debates era uma característica comum dos sofistas gregos, mas que nunca contribui para a elucidação de um assunto teológico.

Resumir os pressupostos de uma teologia é uma tarefa mais difícil do que se imagina. Augustus Nicodemus Lopes tentou sintetizar os pontos principais

⁴⁰ CARSON, D. A. Endosso. In WARE, Bruce A. *God's lesser glory*. Wheaton: Crossway Books, 2000.

⁴¹ GONDIM RODRIGUES, Ricardo. A teologia relacional e a onisciência divina. Disponível em: www.ricardogondim.com.br/Artigos. Acesso em: 01 out. 2003.

⁴² GONDIM RODRIGUES, A história não está pronta.

⁴³ GONDIM RODRIGUES, Espiritualidade cristã e uma teologia relacional. Este artigo também foi publicado na revista *Ultimato*.

⁴⁴ BOYD, *God of the possible*, p. 113-156.

da Teologia Relacional⁴⁵ e foi, mais tarde, duramente criticado e acusado de superficialidade.⁴⁶ Todavia, o que Lopes fez em sua análise foi apenas ampliar a definição oferecida por Richard Rice, um representante do teísmo aberto, quando este apresentou o suposto respaldo bíblico do seu ensino.⁴⁷ Segundo Rice, o fato de Deus ser amor implica que “sua relação com o mundo é dinâmica ao invés de estática... Deus interage com suas criaturas. Ele não apenas as influencia, mas elas também exercem uma influência sobre ele”.⁴⁸ Dessa forma, o conhecimento que Deus possui de suas criaturas também é dinâmico, ou seja, “ele passa a conhecer os eventos na medida em que eles acontecem. Ele aprende algo à medida que o fato é realizado”.⁴⁹ Nessa perspectiva, então, o que se encontra aberto é o futuro e não Deus, pois Deus apenas limitou-se a fim de se relacionar com suas criaturas verdadeiramente livres. *Mutatis mutandis*, essa é a mesma ênfase da Teologia Relacional apresentada no Brasil. O problema maior é que este argumento torna Deus preso ao tempo, pois ele aprende à medida que o futuro é concretizado no presente.

Devido à complexidade e à variedade de assuntos envolvidos em uma análise da Teologia Relacional, talvez a melhor maneira de reunir alguns de seus elementos abstratos e fundi-los em uma síntese seria abordar o que parece ser o cerne da mesma, a partir de cinco pressupostos principais (sempre correndo o risco de ser acusado de superficialidade). Neste sentido, há que se considerar que não existe qualquer presunção de ser exaustivo, principalmente em se tratando de um ensino em estado de contínuo desenvolvimento.

A primeira premissa da Teologia Relacional parece ser sua *ênfase na liberdade humana em detrimento da onipotência divina*. Para seus defensores, Deus concedeu plena liberdade aos seres humanos a fim de que eles realmente possam ser considerados seres morais e responsáveis. Ao escrever sobre o Deus esvaziado (uma das poucas vezes em que a segunda pessoa é distinguida das demais pessoas da Trindade), Kivitz afirma:

O Deus esvaziado não mantém relacionamentos à força, mediante manifestações do seu poder e imposição de sua autoridade soberana. O Deus esvaziado dá um passo atrás, para que você possa exercer sua liberdade de existir com Ele ou contra Ele.⁵⁰

⁴⁵ NICODEMUS LOPES, *Teologia relacional: um novo deus no mercado*, p. 60-61. Segundo Lopes, a Teologia Relacional pode ser sintetizada nos seguintes elementos: (1) o atributo mais importante de Deus é o amor, (2) Deus não é soberano, (3) Deus ignora o futuro, pois ele vive no tempo e não fora dele, (4) Deus se arrisca, (5) Deus é vulnerável e (6) Deus muda.

⁴⁶ GONDIM RODRIGUES, *Teologia relacional – que bicho é esse?*

⁴⁷ Cf. RICE, Richard. *Biblical support for a new perspective*. Em: PINNOCK e outros, *The openness of God*, p. 11-58.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 15.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 16.

⁵⁰ KIVITZ, *O Deus esvaziado*.

Em outra ocasião o mesmo autor alega: “Deus não age como tirano e não força o seu poder em cima de suas criaturas sob pena de esmagá-las, tirando-lhes todo o espaço da liberdade de que precisam para existir”.⁵¹ Também, em sua tentativa de chegar a uma teodicéia satisfatória Kivitz ainda diz:

entre a onipotência e a bondade de Deus existe a liberdade do homem e o compromisso de Deus em respeitar esta liberdade... por esta razão Deus “se diminui”, esvazia-se de sua onipotência, abre mão de se relacionar em termos de onipotência-obediência, e se relaciona com a humanidade com base no amor.⁵²

A princípio, essas afirmações poderiam ser encontradas em qualquer obra arminiana que interpreta a regeneração como uma mudança da vontade e não da natureza humana. Contudo, esses conceitos tornam-se mais claros após se observar que, segundo Gondim, eles formam a base da Teologia Relacional, pois “só é possível pensar em verdadeira relacionalidade se, em sua graça, Deus conceder aos seres humanos liberdade real para cooperarem ou contrariarem a sua vontade para suas vidas”.⁵³

Semelhante ênfase sobre a liberdade humana pode ser encontrada na versão norte-americana da Teologia Relacional, ou seja, no Teísmo Aberto. Ali, Richard Rice ensina que Deus controla muitas coisas que acontecem na natureza, mas “naquilo que pressupõe a decisão humana... ele não pode atingir os seus objetivos unilateralmente. Ele precisa de nossa cooperação”.⁵⁴ Segundo esta perspectiva, as escolhas humanas não são predeterminadas por Deus. Para os defensores desse ensino, os homens só podem ser responsabilizados pelos seus atos se eles forem realmente livres. Clark H. Pinnock, foi um dos primeiros a defender que

Se Deus não tivesse nos concedido liberdade significativa, inclusive a liberdade de desapontá-lo, não seríamos criaturas capazes de entrar em um relacionamento amoroso com ele. Amor, antes que liberdade, é o assunto central. A liberdade foi concedida para tornar o relacionamento amoroso possível... A história bíblica pressupõe o que chamamos liberdade libertária. Isto é óbvio pelas formas como Deus nos convida a amá-lo e pela maneira como ele nos mantém responsáveis pelo que decidimos.⁵⁵

Dessa forma, sem a liberdade o homem não pode ser considerado responsável pelos seus atos e nenhum relacionamento de amor é possível entre Deus e esses seres morais.

⁵¹ KIVITZ, *Vivendo com propósito*, p. 172.

⁵² KIVITZ, Teodicéia.

⁵³ GONDIM RODRIGUES, *Espiritualidade cristã e uma teologia relacional*.

⁵⁴ RICE, *Biblical support for a new perspective*, p. 121.

⁵⁵ PINNOCK, Clark H. *Most moved Mover: A theology of God's openness*. Grand Rapids: Baker, 2001, p. 45.

Contudo, o que os proponentes da Teologia Relacional (ou Teísmo Aberto) deixam de perceber é que o Deus do teísmo clássico não é apresentado como um ser arbitrário, mas amoroso e que dinamicamente muda a natureza do coração do homem (regeneração) pela ação do Espírito Santo. Uma vez transformada esta natureza, a vontade humana livremente se inclina a amar a Deus, pois a vontade é serva da natureza e não vice-versa.⁵⁶ Contudo, é certo que Deus não opera tal mudança em todos, pois o próprio Jesus afirmou que “muitos são chamados, mas poucos, escolhidos” (Mt 20.26; 22.14).

A segunda pressuposição doutrinária defendida pela Teologia Relacional é *que a concepção do teísmo clássico sobre Deus foi corrompida pela influência do neoplatonismo agostiniano e o verdadeiro conceito bíblico de Deus precisa ser resgatado*. Esta insistência é geralmente elaborada da seguinte forma:

A teologia cristã iniciou seu labor sistemático e filosófico sobre a liberdade com Santo Agostinho. Egresso da escola neo-platônica e dos pensamentos do filósofo grego Plotino, sabe-se que Santo Agostinho importou inúmeros conceitos dessas duas escolas filosóficas.⁵⁷

O articulista ainda continua dizendo que os reformadores retomaram o discurso de Agostinho e por isto o protestantismo tornou-se caracterizado por um determinismo teológico que não reflete o pensamento bíblico e essa é a razão de tanta incoerência na prática religiosa e na espiritualidade pessoal contemporânea. Mais adiante Gondim assevera:

A teologia agostiniana, influenciada enormemente pelo neo-platonismo, só concebe Deus segundo os paradigmas gregos. Os conceitos de onipotência e onisciência são definidos, não pelo relato das Escrituras, mas pela mitologia helênica.⁵⁸

Em sua defesa da teologia relacional, Paulo Brabo parece assimilar a idéia de que o conceito teísta foi “fruto de uma assimilação sacrílega de conceitos importados da filosofia grega”.⁵⁹ A mesma tese é defendida por John Sanders,

⁵⁶ Cf. João 3.8. MURRAY, John. *Redemption accomplished and applied*. Grand Rapids: Eerdmans, 1955, p. 95-105.

⁵⁷ GONDIM RODRIGUES, Ricardo. A liberdade. Disponível em: http://www.ricardogondim.com.br/Artigos/artigos.info.asp?tp=61&sg=0&form_search=A%20liberdade&pg=2&id=1051. Acesso em: 23 abr. 2007. O autor parece não estar ciente de que foi Plotino quem criou a escola neoplatônica, não se tratando, portanto, de duas escolas filosóficas distintas.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ BRABO, O destino eterno de Deus.

defensor do Teísmo Aberto.⁶⁰ Conseqüentemente, o culpado pelo teísmo clássico teria sido Agostinho de Hipona, que corrompeu o conceito de Deus no cristianismo mediante a aceitação da influência grega.

Não há razão para se negar a influência neoplatônica sobre a vida e a conversão de Agostinho e, mais tarde, até sobre sua teologia, pois esta influência parece ter sido até benéfica em sua luta contra os maniqueístas, especialmente na obtenção de um conceito da divindade em termos menos materialistas do que eles propunham.⁶¹ Contudo, não se pode omitir o fato de que ao longo de sua vida, como teólogo, Agostinho buscou distanciar-se cada vez mais do neoplatonismo em prol de uma compreensão mais bíblica da realidade.⁶² Mesmo William Hasker, proponente do Teísmo Aberto, afirma:

Não desejo criar a impressão de que penso que o fato de os pais antigos utilizarem fontes da filosofia grega em sua formulação da concepção cristã de Deus foi um erro completo. Pelo contrário, eu considero o uso da filosofia naquele sentido como uma manifestação da providência divina, permitindo à igreja atingir um progresso no pensamento claro e rigoroso sobre Deus.⁶³

Os defensores do teísmo aberto e da Teologia Relacional parecem tão seguros de seus argumentos históricos que se esquecem de alguns aspectos cruciais acerca desse assunto.

Primeiro, a alegação de que o cristianismo tradicional foi contaminado pela filosofia grega não é nova, mas ela foi especialmente enfatizada pelos revisionistas do liberalismo teológico como, por exemplo, Adolf von Harnack e alguns representantes da neo-ortodoxia.⁶⁴ Em segundo lugar, para justificar uma acusação como esta não basta demonstrar alguns paralelos, mas deve-se mostrar fatos que comprovem que a suposta relação de fato ocorre.⁶⁵ Em terceiro lugar, os revisionistas hermenêuticos históricos do teísmo aberto e da Teologia

⁶⁰ Cf. SANDERS, John. Historical considerations. Em: PINNOCK e outros. *The openness of God*, p. 80-91. Segundo Sanders, “as noções neoplatonistas de Deus com uma força criativa, ao invés daquele que formou o mundo, da realidade última e imutável, da busca da verdade através de um retorno às nossas almas e da perspectiva do mal como a ausência do bem (relacionados à mutabilidade e finitude), tudo isto competiu com a sensibilidade bíblica de Agostinho e dominou o seu pensamento”, p. 80.

⁶¹ GONZÁLEZ, Justo L. *The history of Christianity*. New York: HarperSanFrancisco, 1995, vol. 1, p. 211.

⁶² *Ibid.*, p. 212.

⁶³ HASKER, William. A philosophical perspective. Em: PINNOCK e outros, *The openness of God*, p. 194, nota 1.

⁶⁴ Cf. HARNACK, Adolf von. *Outlines of the history of the dogma*. New York: Star King, 1957, p. 152-153; HORTON, Michael S. Hellenistic or Hebrew? Open theism and Reformed theological method. *Journal of the Evangelical Theological Society* 45 (2002), p. 318.

⁶⁵ NASH, Ronald H. *The concept of God: An exploration of contemporary difficulties with the attributes of God*. Grand Rapids: Zondervan, 1983, p. 30.

Relacional se esquecem de que “os tradicionalistas criticam o teísmo clássico há séculos”, tentando evitar qualquer traço de helenização em sua interpretação teológica.⁶⁶ Em quarto lugar, aqueles que acusam o teísmo clássico de ser influenciado pela filosofia neoplatônica quase sempre se esquecem de suas próprias influências filosóficas na elaboração de tais argumentos.

Há que se observar ainda que, quando os defensores da Teologia Relacional argumentam que o conceito do teísmo clássico é uma assimilação da “mitologia grega” eles parecem desconhecer a diferença entre o entendimento filosófico da divindade e aquele que era popularmente celebrado na mitologia. Nesta, a divindade não é descrita como um ser perfeito, mas os deuses gregos não passavam de seres humanos divinizados, com as mesmas fraquezas, tentações e luxúrias. Para os filósofos gregos, porém, a divindade suprema era o *uno*, a perfeição, a realidade última e que em nada se comparava às paixões animalescas dos deuses folclóricos da mitologia. Ainda é intrigante observar que aqueles que acusam o teísmo clássico de ter sido corrompido pela filosofia quase não recorrem às Escrituras para apresentar uma perspectiva bíblica sobre Deus, mas voltam-se para os filósofos, especialmente aqueles cujo comprometimento com as Escrituras é questionável. Por exemplo, William Hasker afirma que um número expressivo de filósofos hoje defende uma perspectiva mais aberta sobre Deus, mas o grupo citado por ele inclui pessoas sem compromisso com o cristianismo bíblico.⁶⁷ Semelhantemente, Kivitz defende seu argumento sobre um Deus que se limita citando André Comte-Sponville (um ateu confesso).⁶⁸ Gondim parece gostar tanto desta citação que a repete em outro artigo, além de apelar também para a ajuda de Simone Weil e do teólogo liberal John Hick.⁶⁹ As bases bíblicas para esses argumentos são raras e praticamente inexistentes.

O terceiro aspecto básico da Teologia Relacional é o entendimento de que *a ênfase na imutabilidade de Deus o torna um Ser insensível e impassível diante dos sofrimentos humanos*. O ensino de que Deus é um ser imutável também o torna apático ao sofrimento humano. O problema agrava-se com o fato de a Bíblia apresentar Deus como sendo amor, pois a afirmação de que foi por esta razão que ele mandou seu Filho para redimir os que nele crêem é radicalmente oposta a qualquer conceito da impassibilidade divina, segundo essa teologia. Clark H. Pinnock argumenta:

⁶⁶ BAND, *Defeitos genéticos*, p. 57; Cf. KELLY, J. N. D. *Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

⁶⁷ Cf. HASKER, *A philosophical perspective*, p. 194, nota 3.

⁶⁸ KIVITZ, *Vivendo com propósito*, p. 172. Na descrição de sua teodicéia Kivitz ainda usa Leonardo Boff.

⁶⁹ GONDIM RODRIGUES, Ricardo. Deus é soberano. Disponível em: http://www.ricardogondim.com.br/Artigos/artigos.info.asp?tp=61&sg=0&form_search=Deus%20é%20soberano&pg=1&id=1048. Acesso em: 4 maio 2007.

Impassibilidade é o mais dúbio dos atributos divinos discutidos no teísmo clássico, porque ele sugere a idéia de que Deus não experimenta tristeza, sofrimento ou dor. Ele parece negar que Deus é atingido pelo sentimento de nossas enfermidades, a despeito do que a Bíblia eloquentemente afirma sobre o seu amor e sua tristeza. Como pode Deus amar e não ser atingido pelo mal? Como pode Deus ser impassível quando o Filho encarnado experimentou sofrimento e morte?⁷⁰

Parece ser ainda neste sentido que Gondim corretamente insiste que a perspectiva bíblica sobre Deus não é a de um ser impassível, mas de um ser que expressa os seus sentimentos, ou seja, ele lamenta (Ez 6.9), ele se alegra (Sf 3.7), ele sente ciúmes (Sl 78.58) e ele tem prazer em mostrar o seu amor (Mq 7.18).⁷¹ Contudo, a explicação de Gondim para estas manifestações do sentimento divino é que ele preferiu limitar sua soberania e abrir mão de sua imutabilidade para relacionar-se com suas criaturas.

Neste ponto há que se concordar que ao longo da história cristã muitos definiram a Deus como um ser impassível.⁷² Os próprios teólogos da *Confissão de Fé de Westminster* procuraram defini-lo como “um espírito puríssimo, invisível, sem corpo, membros ou paixões; é imutável, imenso, eterno, incompreensível, onipotente, onisciente, santíssimo, completamente livre e absoluto...”⁷³ Esta afirmação tem sido um entrave para muitos que tentam harmonizar esse ensino com as informações bíblicas. Como resposta, alguns preferem defender que as expressões bíblicas sobre as reações emocionais divinas são *antropopatismos*, ou seja, expressões que atribuem sentimentos humanos a Deus. Embora esta argumentação não esteja errada e pareça fazer justiça à intenção dos teólogos de Westminster (pois no contexto Deus é apresentado como espírito, sem corpo e sem *paixões*), ela ainda não é satisfatória para muitos. A polêmica a ser levantada é: se Deus de fato for impassível, ou seja, não sentir paixões, como pode se relacionar com os seus filhos e que conforto esses redimidos poderiam ter em sua vida diária se este relacionamento se baseasse apenas numa figura de linguagem antropopática?

Ainda que o assunto exija mais atenção do que o espaço permitido neste artigo, algumas coisas precisam ser esclarecidas a este respeito. Em primeiro lugar, há que se entender que o termo *impassibilidade* é uma expressão ne-

⁷⁰ PINNOCK, Clark H. Systematic theology. Em: PINNOCK e outros, *The openness of God*, p. 118.

⁷¹ GONDIM RODRIGUES, Deus é soberano.

⁷² Cf. KOONS, Robert C. Dual agency: a Thomistic account of providence and human freedom. Disponível em: <http://www.utexas.edu/cola/depts/philosophy/faculty/koons/dualagency.pdf>. Acesso em: 4 maio 2007.

⁷³ *Confissão de Fé de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã, 1991, II.i.

gativa e diz respeito ao fato de Deus não poder experimentar dor, sofrimento ou prazer causado a ele por outro ser. Impassibilidade significa que Deus não é sujeito às ações de suas criaturas a menos que ele assim o queira. Contudo, impassibilidade não significa que Deus não ama, pois o amor é algo que emana dele e é por ele praticado, pois Deus é amor. Como corretamente afirma J. I. Packer, “impassibilidade não significa insensibilidade (um freqüente mal entendido)... quando Deus entra em um relacionamento de dor e sofrimento, isso ocorre por sua própria decisão, pois ele nunca é uma vítima de sua criatura”.⁷⁴ Além do mais, *impassibilidade* nunca foi sinônimo de *insensibilidade*, assim como imutabilidade não equivale a inércia. Os teólogos relacionais parecem não querer ter o trabalho de entender algumas verdades confessadas pelos cristãos do passado e se alegram em obscurecer o entendimento dos santos do presente.

Outro ponto importante a ser observado neste sentido é de natureza lingüística, pois, pelo menos na Bíblia, paixão não equivale a amor. O livro de Provérbios, por exemplo, descreve a paixão como um sentimento de inquietude e impaciência, que geralmente leva à destruição (cf. Pv 7.11 e 9.13), ao passo que o amor edifica (Pv 20.28 e 1Co 13). Na verdade, esta parece ter sido a compreensão de Jonathan Edwards, que fez a seguinte distinção:

Afeições e paixões são geralmente descritas como sinônimas; contudo, nas conversações mais comuns, há certa diferença entre ambas. Afeição é uma palavra que, em seu significado ordinário, parece ser algo mais abrangente do que paixão, sendo aplicada a todos os atos vívidos e vigorosos da vontade ou da inclinação. Mas paixão é usada para aquelas emoções mais fugazes e cujos afetos no espírito animal são mais violentos e sobre os quais a mente possui menos comando.⁷⁵

Na verdade, um momento de reflexão é suficiente para convencer as pessoas de que se Deus for sujeito aos mesmos sentimentos que os seres humanos, sua imutabilidade fica seriamente comprometida e o conforto dos cristãos, ameaçado.

Em nenhum momento o teísmo clássico, nem mesmo aquele defendido pelos teólogos de Westminster, pretendeu descrever Deus como um ser insensível e distanciado de sua criação. Assim como as Escrituras afirmam, o cristianismo entende que Deus possui emoções reais, sejam estas expressões do seu amor ou da sua ira. Quando se fala da impassibilidade de Deus, o que

⁷⁴ PACKER, J. I. God. Em: FERGUSON, Sinclair; WRIGHT, David (orgs.). *New dictionary of theology*. Downers Grove: InterVarsity, 1998, p. 277.

⁷⁵ EDWARDS, Jonathan. *Treatise concerning the religious affections*. Edinburgh: Banner of Truth, 1961, p. 26-27.

se pretende é distinguir entre as emoções divinas e as humanas. As emoções humanas são, muitas vezes, causadas pela ignorância, distância, medo e fraqueza. Logo, essas emoções estão em constantes mutações. Deus possui uma vida emocional (ele ama, julga, exerce misericórdia, etc.), mas suas emoções não são espasmódicas como as de suas criaturas.

Em quarto lugar, há a assertiva de que o *relacionamento de Deus com os homens é determinado por seu amor e não por sua soberania*. Segundo esse conceito, a soberania de Deus impossibilita a verdadeira liberdade, o que nunca ocorreria em um relacionamento real. Logo, Paulo Brabo propõe que a soberania seja redefinida como “uma supervisão geral de Deus sobre uma história que ainda não está pronta”.⁷⁶ Neste mesmo sentido Clark H. Pinnock ilustra como essa nova cosmovisão é determinante para uma vida cristã saudável, segundo o seu ponto de vista. Em suas palavras:

Podemos pensar em Deus primariamente como um monarca indiferente, distante das contingências do mundo, imutável em cada aspecto do seu ser, como um poder irresistível e que determina todas as coisas, ciente de todas as coisas que irão acontecer e que jamais se arrisca. Ou podemos compreender Deus como um pai cuidadoso com qualidades de amor e responsividade, generosidade e sensibilidade, abertura e vulnerabilidade, uma pessoa (ao invés de um princípio metafísico) que experimenta o mundo, responde ao que acontece, se relaciona e interage dinamicamente com os seres humanos.⁷⁷

Semelhantemente Gondim comenta:

Numa espiritualidade relacional, tanto nós respondemos às iniciativas de Deus como Deus responde às nossas iniciativas. Numa teologia relacional, Deus corre riscos nesse relacionamento com os seres humanos, embora seja infinitamente competente e sábio para alcançar seus objetivos eternos, redesenhando a história e ele mesmo se adequando às nossas decisões quando o frustramos.⁷⁸

Em outro artigo Gondim insiste:

Dessa forma deve-se compreender que a soberania de Deus, conforme defendida por alguns cristãos, especialmente os calvinistas, anula a liberdade humana e impede o relacionamento do homem com Deus com base em seu amor.⁷⁹

⁷⁶ BRABO, O destino eterno de Deus.

⁷⁷ PINNOCK, Clark H. Systematic theology. Em: PINNOCK e outros. *The openness of God: a biblical challenge to the traditional understanding of God*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1994, p. 103.

⁷⁸ GONDIM RODRIGUES, Espiritualidade cristã e uma teologia relacional.

⁷⁹ GONDIM RODRIGUES, A liberdade.

Com isto, entende-se que no âmago desse ensino existe a convicção de que os seres humanos (e até os anjos) só podem ser moralmente responsáveis se possuírem autodeterminação definitiva, o que exclui a soberania divina e só é possível pelo exercício do amor de Deus.

O que tais teólogos parecem esquecer é que a descrição que a Bíblia faz do amor de Deus é, em si mesma, soberana, pois ele amou segundo o conselho de sua vontade (cf. Ef 1.11, Jr 31.3). Também, sua escolha amorosa é soberana (Jo 15.16). Além do mais, Paulo diz que ele “tem misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz” (Rm 9.18). Ainda que haja dificuldades nestes textos, os mesmos não devem ser meramente ignorados ou desprezados em prol daquilo que gostaríamos de crer acerca de Deus.

Finalmente, a Teologia Relacional insiste na pressuposição de que *o futuro está aberto para ser construído por Deus e os seres humanos em um relacionamento dentro do tempo*. Este, talvez, seja o ponto de maior polêmica em relação aos teólogos relacionais, pois eles defendem que Deus só pode conhecer aquilo que existe e uma vez que ele concedeu liberdade ao ser humano para construir o futuro, o mesmo é inexistente e Deus não pode conhecê-lo. Certamente é neste contexto que a afirmação de Gondim faz mais sentido quando ele diz:

Na Teologia Relacional, não há contradição com a teologia clássica na afirmação de que Deus conhece perfeitamente o passado e o presente. A polêmica nasce quando se pensa sobre o futuro. Quanto ao futuro podemos afirmar: (1) Deus conhece algumas dimensões do futuro, não por já existirem, mas por Ele haver soberanamente decretado que um dia elas acontecerão – o que explica as profecias, principalmente as messiânicas; (2) o futuro não está exaustivamente determinado, pois Deus criou pessoas para relacionamentos e os relacionamentos exigem liberdade de arbítrio. Homens e mulheres tomam decisões e geram novas realidades; (3) Deus soberanamente escolheu relacionar-se com os seres humanos de forma interativa, amorosamente, chamando-nos para sermos cooperadores com ele na criação do futuro; (4) A Bíblia afirma repetidas vezes que futuras ações de Deus dependem do comportamento dos seres humanos.⁸⁰

Sem qualquer surpresa encontramos esta mesma ênfase entre os teístas abertos, como John Sanders, que afirma:

Ainda que o conhecimento de Deus seja co-existente com a realidade no sentido de que Deus conhece tudo o que pode ser conhecido, as ações futuras de criaturas livres não se tornaram ainda realidade e, portanto, não há nada para se conhecer neste sentido.⁸¹

⁸⁰ GODIM RODRIGUES, A teologia relacional e a onisciência divina.

⁸¹ SANDERS, *The God who risks*, p. 198.

De acordo com esta perspectiva, não é apenas o futuro que se encontra aberto para ser construído, mas a própria onisciência de Deus se encontra fechada com relação a ele. A única possibilidade de acatar tal pressuposição seria “redefinir” o termo onisciência e é precisamente isto que o teísmo aberto tem procurado fazer.⁸²

Segundo Gondim, somente sob esta perspectiva é que os cristãos poderão entender o valor da oração. Segundo ele,

em um diálogo amoroso Deus nos convida para participarmos com ele na construção do futuro... quando oramos, acreditamos que entramos em um genuíno diálogo com Deus e que o futuro não está determinado. Pedimos porque cremos que o futuro pode ser mudado... Somos artesãos do futuro.⁸³

Em um outro artigo ele insiste:

O significado mais profundo da narrativa bíblica é que Deus, na verdade, apostou na construção da história com a participação humana... Numa história inacabada, Deus continua convidando homens e mulheres para fazerem fluir a justiça como um rio caudaloso num reino de paz.⁸⁴

A grande questão a ser respondida é como essa teologia difere da Teologia do Processo.⁸⁵ Gondim afirma que

na teologia clássica, Deus está fora do tempo e contempla tanto o passado como o presente e o futuro como se acontecessem simultaneamente – conceito neoplatônico estranho à cosmovisão judaica.⁸⁶

Se isto ocorre na teologia clássica, como a relação entre Deus e o tempo sucede no revisionismo da Teologia Relacional? O próprio Gondim responde a isto:

O futuro não pode ser conhecido não porque Deus seja limitado, mas porque o futuro ainda não existe. Insisto: nisto não limitamos a Deus. Apenas afirmamos que ele amorosamente nos convocou para sermos arquitetos do amanhã.⁸⁷

⁸² Ibid.; cf. BOYD, Gregory A. *Is God to blame? Beyond past answers to the problem of suffering*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2003.

⁸³ GONDIM RODRIGUES, A teologia relacional e a onisciência divina.

⁸⁴ GONDIM RODRIGUES, Ricardo. Teologia relacional e história. Disponível em: www.ricardogondim.com.br/Artigos/artigos.inf.asp?tp=61&sg=0&id=1419. Acesso em: 23 abr. 2007.

⁸⁵ A Teologia do Processo foi desenvolvida com base na filosofia de Alfred North Whitehead e Charles Harthshorne, os quais defendiam que a realidade é um processo de continua mudança e que Deus é o exemplo metafísico primário de que tudo evolui e progride dentro dessa realidade. Um dos defensores do Teísmo Aberto, David Bassinger, estudou com Harthshorne. Cf. BECK, W. D. *Process theology*. Em: FERGUSON, Sinclair; WRIGHT, David (orgs.). *New dictionary of theology*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1998, p. 534-536.

⁸⁶ GONDIM RODRIGUES, A teologia relacional e a onisciência divina.

⁸⁷ Ibid.

Logo, tanto Deus como o homem se encontram presos ao tempo e ambos evoluem e aprendem das experiências ocorridas dentro do mesmo.

Esta proximidade da Teologia Relacional com a Teologia do Processo foi um dos aspectos que mais assustaram Russel Shedd quanto à nova posição de Gondim, pois ele entende que “isto o tem empurrado para uma teologia de Deus de processo”.⁸⁸ Certamente foi partilhando da mesma compreensão que Thomas Oden (um ex-liberal) acusou o teísmo aberto com as seguintes palavras: “A fantasia de que Deus é ignorante em relação ao futuro é uma heresia que deve ser rejeitada com base nas Escrituras”.⁸⁹ A linha divisória entre a Teologia Relacional e algumas heresias rejeitadas no passado parece ser realmente muito tênue.

Uma vez que o salmista já dizia que a perspectiva de uma pessoa sobre Deus influencia o modo como ela vive (cf. Sl 50.21), os pressupostos teológicos da Teologia Relacional certamente trarão implicações práticas para a igreja. Importa, então, avaliar se estas implicações são boas ou ruins.

3. A PRÁXIS RESULTANTE DA TEOLOGIA RELACIONAL

A julgar pelos últimos efeitos do teísmo aberto no evangelicalismo norte-americano e sua conexão com a Teologia Relacional, não se pode esperar grandes benefícios desta última para o protestantismo brasileiro. Nos Estados Unidos, o teísmo aberto tem se mostrado altamente divisivo, como já foi observado.⁹⁰ No Brasil, a não ser por algumas pequenas controvérsias, o ensino ainda não teve uma repercussão proporcional.

Uma análise da Teologia Relacional não pode deixar de listar alguns de seus pontos positivos, pois eles existem. Um dos primeiros aspectos a serem valorizados nesta perspectiva é sua tentativa de focalizar o debate evangélico na doutrina de Deus. Há muita discussão na igreja contemporânea acerca de estratégias missionárias, metodologias e opiniões pessoais. Todavia, se o protestantismo brasileiro não possuir uma perspectiva claramente bíblica acerca de Deus, não haverá mensagem a ser anunciada. Outro ponto da Teologia Relacional a ser reconhecido é sua tentativa de desenvolver uma perspectiva clara da teodicéia, ou seja, a defesa da justiça de Deus em um mundo marcado pelo pecado e pela presença perturbadora do mal. Finalmente, os defensores da Teologia Relacional

⁸⁸ SHEDD, Russel P. Entrevista.

⁸⁹ ODEN, Thomas. The real reformers are traditionalists. *Christianity Today* 42, n. 2 (Feb. 9, 1998), p. 45.

⁹⁰ CAMPBELL, Iain D. Open theism. Disponível em: http://www.backfreechurch.co.uk/Studies/open_theism.htm. Acesso em: 29 set. 2003. Um relato sucinto do movimento realizado durante a Conferência Anual da Igreja Presbiteriana Livre da Escócia; Cf. KOOP, Doug. Evangelical Theological Society moves against open theists. *Christianity Today* (Nov. 8, 2002). Disponível em: www.christianitytoday.com/ct/2002/145/54.0.html. Acesso em: 25 maio 2003.

devem ser apreciados por seu clamor em prol de uma teologia mais bíblica e menos filosófica. O problema é que aqueles que fazem tais reivindicações parecem mais ocupados em impressionar seus leitores com suas filosofias do que estabelecer um exemplo necessário para o retorno às Escrituras.

Assim como o teísmo aberto, a Teologia Relacional sempre reivindicou ser um ensino prático. Seus proponentes defendem que na medida em que as pessoas perceberem que Deus é vulnerável ao sofrimento e incapaz de conhecer minuciosamente o futuro, elas serão mais motivadas a crer nele e a buscá-lo mais intimamente, especialmente em situações de tragédias. Além do mais, essa nova perspectiva relacional de Deus deveria fortalecer a vida de oração dos cristãos, ajudá-los a explicar a existência do mal e a responder aos problemas sociais, além de motivá-los a atuarem mais na obra da evangelização.⁹¹ Em certo sentido, essa teologia atende perfeitamente ao espírito pós-moderno e antropocêntrico.⁹² Contudo, resta saber quão bíblica e benéfica ela realmente é para a igreja contemporânea.

O ensino bíblico sobre o conhecimento de Deus é que ele conhece perfeitamente a si mesmo, bem como as coisas ao seu redor. Por ser perfeito, esse conhecimento é chamado “onisciência”, o que significa que o conhecimento de Deus não é sucessivo, mas absoluto, pois ele conhece todas as coisas em sua totalidade. Há várias passagens bíblicas mostrando que Deus é perfeito em conhecimento (Jó 37.16; Sl 44.21), que ele conhece o interior das pessoas (1Sm 16.7; Jr 17.10; Lc 16.15 e Jo 2.25), dirige o caminho dos homens e estabelece os tempos e limites da habitação deles (Sl 33.13; Atos 17.26) e assim por diante. Além do mais, Deus conhece até as situações prováveis, pois quando Jesus clamou contra Corazim e Betsaida, ele disse: “se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza” (Mt 11.21). Dessa forma, alguns teólogos mais conservadores se sentem plenamente respaldados pelas Escrituras ao responder ao revisionismo proposto pelo teísmo aberto e pela Teologia Relacional.⁹³

Há que se notar ainda o ensino bíblico de que o aspecto da encarnação referente ao esvaziar-se de sua glória foi assumido pela segunda pessoa da

⁹¹ BASINGER, David. Practical implications. Em: PINNOCK e outros, *The openness of God*, p. 155-176; GONDIM RODRIGUES, Espiritualidade cristã e uma teologia relacional.

⁹² Clark Pinnock tem afirmado que uma de suas maiores motivações na elaboração do Teísmo Aberto é a cultura moderna com sua nova ênfase na liberdade humana. Cf. PINNOCK, Clark H. *Between classical and Process Theology*. Em: NASH, Ronald H. (org.). *Process theology*. Grand Rapids: Baker, 1975, p. 317.

⁹³ PIPER, John. Answering Greg Boyd’s openness of God texts. Disponível em: www.desiringgod.org/ResourceLibrary/Articles/ByTopic/107/1548. Acesso em: 14 maio 2007. FRAME, *No other God*, p. 191-204; WARE, *God’s lesser glory*, p. 65.

Trindade e não pelo Deus triúno (Fp 2.7-8). A atitude de Jesus fez parte do período comumente descrito como “estado de humilhação”, pois após a sua ressurreição ele foi exaltado à destra de Deus e não se encontra mais “esvaziado” (Fp 2.9-11). Dessa forma, falar sobre o “Deus esvaziado” sem fazer tais distinções é, no mínimo, obscurecer a verdade e confundir a mente dos leitores e da igreja contemporânea. Neste aspecto, MacArthur e Ware estão corretos ao afirmarem que essa suposta limitação de Deus ataca a doutrina da expiação e da obra redentora realizada por Cristo.⁹⁴

Outro aspecto a ser lembrado sobre o ensino bíblico é que os resultados do pecado original afetaram a humanidade mais intensamente do que se imagina. Não apenas a alma, mas todas as dimensões do ser humano, tais como o seu intelecto, vontade, emoções, ações e outras mais foram danificadas pela queda. Essa é a razão pela qual as Escrituras se dirigem ao homem sem Deus como “morto em seus delitos e pecados” (Ef 2.1) e afirma que “não há temor de Deus diante de seus olhos” (Rm 3.9-18). Mesmo os cristãos neste mundo não atingiram o estado de perfeição, mas aguardam com paciência os resultados finais da redenção (Rm 8.22-25). Assim, defender a participação desse homem caído como co-construtor do futuro é, no mínimo, arriscado, para não lembrar que é ir além do que a Bíblia ensina. Ao invés de produzir conforto, essa perspectiva pode resultar em desespero, especialmente para aquele que possui uma noção do mal que nele habita (cf. Rm 7.7-25).⁹⁵

O fato é que a prática dos pressupostos da Teologia Relacional (assim como tem ocorrido com o teísmo aberto) resulta mais em males do que os bens pretendidos. No futuro, talvez alguém se interesse por realizar um estudo de caso acerca do tema, mas no momento o enfoque deste artigo repousará sobre cinco problemas lógicos resultantes das pressuposições teológicas desse ensino.

Certamente um dos efeitos mais nocivos Teologia Relacional é o fato de ela “construir” uma caricatura de Deus que o torna refém das ações humanas e que não representa o Deus que se revela nas Escrituras. Por mais que os seus defensores enfatizem a importância dos relacionamentos, no final é praticamente impossível à Teologia Relacional se livrar de sua negação da onisciência divina. Ao propor uma reinterpretação da pessoa de Deus e uma dependência de suas ações das decisões humanas ela o torna refém de sua própria criação e tal caricatura está distante de fazer justiça ao Deus verdadeiro.

A insistência da Teologia Relacional no fato de que Deus se arrisca em prol de construir um futuro com os seres humanos, rouba Deus de sua glória

⁹⁴ MACARTHUR, JR., John. Open Theism’s attack on the atonement. Em: WILSON, *Bound only once*, p. 95-108; WARE, Bruce A. Defining evangelicalism’s boundaries theologically: Is open theism evangelical? *Journal of the Evangelical Theological Society* 45 (Junho 2002), p. 204-205.

⁹⁵ WARE, *God’s lesser glory*, p. 191-215.

e os cristãos do conforto de pertencerem àquele para quem “acessos não haverá”. Dessa forma, a apresentação que a Bíblia faz de Deus como “o Rei das nações” (Ap 15.3), “o Juiz de toda a terra” (Gn 18.25), aquele que faz todas as coisas “segundo o conselho de sua vontade” (Ef 1.11) e assim por diante, fica sem sentido para o cristão. Ao descrever Deus como aquele que não conhece o futuro e que se limita a ponto de não poder fazer nada sem a ação de suas criaturas, o ensino relacional (assim como o teísmo aberto) destrói o conforto do coração do cristão, implantando em seu lugar o desespero.

Ao buscar redefinir “onisciência”, os defensores da Teologia Relacional acabaram criando aquilo que J. B. Philips denunciou em sua obra clássica: um Deus que é pequeno demais.⁹⁶ Certamente foi por esta razão que Roger Nicole insistiu que o teísmo aberto (e, por analogia, a Teologia Relacional) transforma Deus em um mero jogador, que arrisca o seu plano e suas criaturas.⁹⁷ Bruce Ware ousa opinar que

à medida que o modelo divino do teísmo aberto penetrar em nossas igrejas, poderemos antecipar uma diminuição considerável da confiança em Deus e uma grande tentação de depender de nossa inteligência e habilidades.⁹⁸

A julgar pela conexão entre aquele ensino norte-americano e sua versão brasileira, pode-se chegar à mesma conclusão.

O segundo problema prático da Teologia Relacional encontra-se no fato de que ela diminui a confiança dos cristãos na Bíblia. Os defensores do teísmo aberto e da Teologia Relacional acreditam, e até insistem, que sua posição é mais bíblica do que aquela mantida pelo teísmo clássico. Gregory A. Boyd, por exemplo, afirma: “Se apenas aceitarmos o significado claro das Escrituras entenderemos que algumas vezes Deus se arrepende do resultado de suas decisões”.⁹⁹ Gondim insiste em selecionar alguns textos bíblicos (pelo menos 40) que mencionam o aparente arrependimento ou frustrações de Deus, bem como alguns que supostamente mostram que Deus está incerto sobre acontecimentos futuros.¹⁰⁰ Contudo, se uma pessoa adotar esta proposta do “significado claro” das Escrituras, poderá ter sérios problemas ao lidar com um texto como, por exemplo, Gênesis 22.12, usado pelos teístas abertos para dizer que Deus estava testando Abraão para aprender algo que ele realmente não sabia de antemão.¹⁰¹

⁹⁶ PHILLIPS, J. B. *Seu Deus é pequeno demais*. São Paulo: Mundo Cristão, 1985.

⁹⁷ NICOLE, Roger. God of possible? Uma resenha do livro de Gregory A. Boyd, *God of the possible*. Disponível em: http://www.the-highway.com/possible_Nicole.html. Acesso em: 19 set. 2003.

⁹⁸ WARE, *God's lesser glory*, p. 25.

⁹⁹ BOYD, *God of the possible*, p. 8.

¹⁰⁰ GONDIM RODRIGUES, A teologia relacional e a onisciência divina.

¹⁰¹ Cf. BOYD, *God of the possible*, p. 120-154.

O fato é que se Deus precisava testar Abraão para saber o que estava em seu coração, logo sua ignorância não é apenas acerca do futuro, mas também do presente. Em segundo lugar, se Deus estiver tentando descobrir se Abraão será fiel no futuro, segue-se que ele estará interferindo com a suposta liberdade libertária de Abraão. Dessa forma, a proposta hermenêutica dos revisionistas não passa nem no seu próprio teste. Além do mais, se Deus não conhece o futuro, qual é a garantia que o cristão possui de que as promessas contidas nas Escrituras são verdadeiras? Assim, esse ensino diminui a confiança na Bíblia e em sua autoridade.¹⁰²

Em terceiro lugar o ensino da Teologia Relacional é nocivo à esperança escatológica cristã. Se o futuro será construído pelas decisões de Deus e dos seres humanos, qual é a garantia que o cristão possui de que o plano eterno de Deus será realmente realizado. Dessa forma, a certeza escatológica torna-se apenas uma possibilidade. O fato é que ao tentar resolver o problema do mal, a ênfase relacional esvaziou Deus de sua soberania e apontou uma solução mais cruel do que aquela contra a qual se opunha. Ao enfatizar a “soberania de amor” ao invés da “soberania de controle”, a Teologia Relacional produziu um universo desgovernado e um rei cujo reino, no final, é “administrado apenas de maneira vacilante, pois nem todas as criaturas são recipientes de suas intervenções de misericórdia”.¹⁰³ A grandeza e a soberania de Deus formam o fundamento da esperança cristã (Rm 8.39).

Finalmente, a Teologia Relacional traz prejuízos incalculáveis à vida devocional dos cristãos. *A priori*, seus defensores argumentavam que esta teologia traria grande contribuição para a vida de oração dos cristãos, pois eles entenderiam o propósito de orar: participarem da construção do futuro com Deus. Além do mais, se a oração supostamente pode mudar os planos de Deus, essa ênfase deveria levar os cristãos a orar com mais intensidade.¹⁰⁴ Contudo, há que se questionar sobre qual é o verdadeiro propósito de se orar para um Deus que não sabe o que irá acontecer? Além do mais, qual é a garantia que os cristãos possuem de que, de fato, esse Deus poderá responder às suas intercessões?

Talvez os proponentes desse ensino estejam esquecidos da implicação lógica de suas argumentações nesta questão da oração. Se Deus criou um universo sobre o qual ele não possui o controle total e em cujo governo as pessoas podem interferir através de suas decisões e orações, qualquer intervenção di-

¹⁰² WELLUM, Stephen J. A inerrância das Escrituras. Em: PIPER, TAYLOR e HELSETH (orgs.), *Teísmo Aberto*, p. 289-339.

¹⁰³ HELSETH, Paul K. A fidedignidade de Deus e o fundamento da esperança. Em: PIPER, TAYLOR e HELSETH, *Teísmo Aberto*, p. 382.

¹⁰⁴ BASSINGER, David. Practical implications. Em: PINNOCK e outros, *The openness of God*, p. 162.

vina representaria uma violação dos direitos dessas pessoas. Logo, a suposta liberdade libertária dos indivíduos impede Deus de agir em resposta às orações dos seus santos. O fato é que a Bíblia ensina que o cristão deve ser motivado a orar pela própria onisciência e soberania de Deus (Mt 6.8-9, “porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peça. Portanto, vós orareis...”). Em outras palavras, a oração é o meio estabelecido pelo Pai para que o filho/filha exercite a comunhão com ele.¹⁰⁵

Com certeza outras conseqüências nocivas advindas da Teologia Relacional à igreja contemporânea poderiam ser relacionadas aqui. Há, porém, outras obras que as desenvolvem de forma mais abrangente.¹⁰⁶ À luz do propósito deste artigo, as conseqüências acima apresentadas parecem ser suficientes.

CONCLUSÃO

O objetivo desse artigo foi esclarecer a conexão existente entre a Teologia Relacional e o Teísmo Aberto, bem como avaliar esses ensinamentos a partir de alguns resultados práticos de acordo com suas reivindicações para a igreja contemporânea. Infelizmente a perspectiva desses ensinamentos não se apresenta nem bíblica nem pastoralmente eficiente.

Dessa forma a primeira coisa a ser estabelecida deve ser o espaço que os seus defensores possuem no contexto evangélico. Nesse sentido, há os que defendem que eles não possuem espaço algum, pois suas propostas são incompatíveis com a inerrância bíblica. Outros reivindicam mais tolerância com aqueles que pensam de modo diferente.¹⁰⁷ Clark H. Pinnock, em um de seus primeiros livros sobre o teísmo aberto, levantou essa questão, da seguinte forma:

Por que estabelecer a linha divisória na onisciência divina? Por que não pode um evangélico propor uma perspectiva diferente acerca desse assunto? Que concílio de igreja declarou isto uma impossibilidade? Desde quando esse assunto se tornou um critério quanto à ortodoxia ou não-ortodoxia, evangélico ou não-evangélico?¹⁰⁸

¹⁰⁵ Cf. KELLY, Douglas F. *Se Deus já sabe, por que orar?* São Paulo: Cultura Cristã, 1996.

¹⁰⁶ Cf. PIPER, TAYLOR e HELSETH. *Teísmo aberto*; WARE, *God's lesser glory*; FRAME, *No other God*.

¹⁰⁷ Um entendimento melhor do debate pode ser encontrado nos relatos das reuniões da *Evangelical Theological Society* e os efeitos do mesmo na Convenção Batista do Sul. Cf. KOOB, Doug. *Evangelical Theological Society moves against open theists*. *Christianity Today* (Nov. 8, 2002). Disponível em: www.christianitytoday.com/ct/2002/145/54.0.html. Acesso em: 25 maio 2003; FOUST, Michael. *Southern prof in middle of growing open theism debate*. Disponível em: www.sbts.edu/news/archives/summer2002/NR117.php. Acesso em: 3 out. 2003.

¹⁰⁸ PINNOCK, *Most moved Mover*, p. 106.

O que Pinnock parece ter esquecido é que a doutrina de Deus é central à fé cristã e qualquer reformulação em um aspecto da mesma implica não necessariamente em uma reformulação, mas em confusão.

O pregador canadense A. W. Tozer entendeu corretamente a importância da doutrina sobre Deus ao dizer:

O assunto mais sério para a igreja sempre foi o próprio Deus e o fato mais solene sobre qualquer homem não é o que ele diz ou faz em alguns momentos, mas como ele, no mais íntimo de seu coração, concebe Deus.¹⁰⁹

Dessa forma, ao propor uma redefinição da onisciência de Deus, os teólogos do teísmo aberto e da Teologia Relacional colocam-se fora dos limites do cristianismo clássico e caminham por rotas tenebrosas.¹¹⁰

O problema é que os caminhos da heresia nem sempre são percebidos facilmente por aqueles que trilham por eles. Como corretamente afirma Luis Wesley de Souza, “as grandes heresias surgidas ao longo da história do cristianismo não foram aquelas facilmente identificáveis à primeira vista”.¹¹¹ Por esta razão, debates e controvérsias doutrinárias sempre serão necessários no cristianismo e em defesa da “fé entregue aos santos” (Jd 3).

No caso de debates e contendas pela fé cristã, há, todavia, duas coisas que precisam ser consideradas. Em primeiro lugar, há uma diferença imensa entre consideração pelas pessoas e tolerância para com os seus erros. Enquanto o amor cristão pode ser praticado em relação àqueles que divergem da verdade na esperança de que eles retornem à sensatez, os ensinamentos destes não podem ser tolerados por amor ao rebanho por quem Cristo morreu. Em segundo lugar, como corretamente entendeu John Newton, há sempre obrigações espirituais no contexto dos debates teológicos. Segundo Newton, antes de colocar a “pena sobre o papel” (hoje em dia, os dedos sobre o teclado), o debatedor deve entregar o seu oponente, “por meio de sincera oração, ao ensinamento e à bênção do Senhor”. Os efeitos disso, de acordo com Newton, são: (1) amor e piedade ao oponente, (2) comunhão com ele, se ele for crente e, (3) compaixão por um perdido, caso ele não seja cristão.¹¹² No que diz respeito aos defensores da Teologia Relacional e suas variadas versões, há realmente muita necessidade de intercessão!

¹⁰⁹ TOZER, A. W. *The knowledge of the Holy*. San Francisco: Harper and Row, 1961, p. 1.

¹¹⁰ Há que se lembrar que o único movimento que defendeu pressupostos semelhantes aos da Teologia Relacional e do teísmo aberto na história da igreja foi o socinianismo do século 16, considerado herético tanto por protestantes como por católicos romanos. Cf. FRAME, *No other God*, p. 32-36.

¹¹¹ SOUZA, Luis Wesley. Prefácio à edição brasileira. Em: PIPER, TAYLOR e HELSETH, *Teísmo aberto*, p. 9.

¹¹² NEWTON, John. On controversy. *The works of the Rev. John Newton*. Edinburgh: Banner of Truth, 1985, vol. 1, p. 269.

ABSTRACT

Relational theology is a new hermeneutical perspective about God that purports to correct alleged distortions in classical theism. It is presented as being an essentially practical and biblical proposal, which was elaborated with a view to solving supposed contradictions resulting from the belief in a sovereign God in the context of a reality marked by suffering. In short, the proposals of Relational Theology are very similar to those of Open Theism in North-American evangelicalism, but no official connection has been established between both teachings. Such connection is the purpose of the article. Its first part analyzes the development of this new teaching and its links with other beliefs embraced by Christian segments around the world. Then, the article tries to understand the main presuppositions of Relational Theology and its relationship to Open Theism. Finally, some consequences of this new relational perspective on God are evaluated in light of Scripture and Christian practice.

KEYWORDS

Relational theology; Open theism; Classical theism; Process theology; Divine omniscience; Human freedom; God's sovereignty; Arminianism; Calvinism.